

A longa chuva, de Adriana Antunes

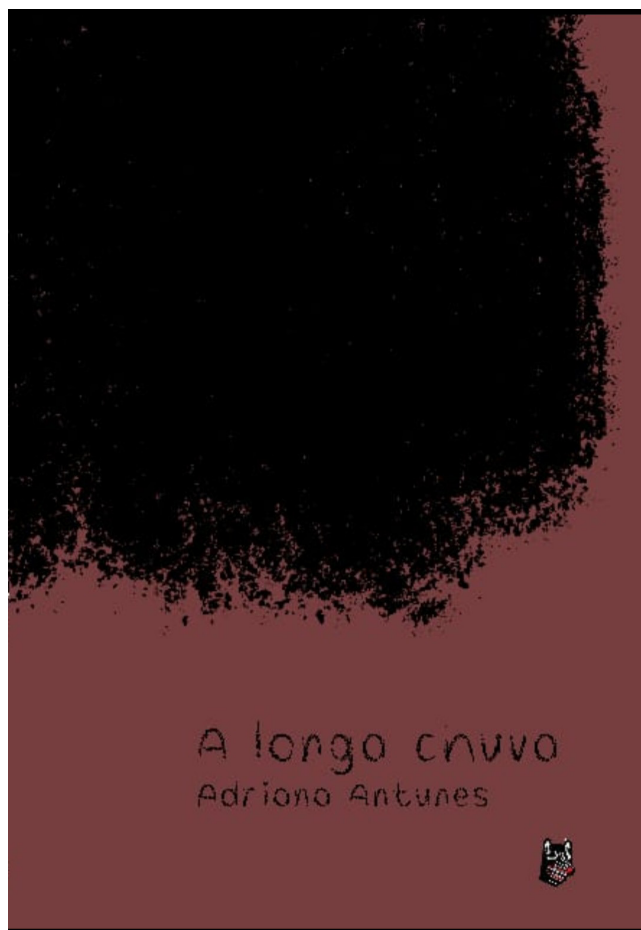
FLÁVIA BERNARDI

Adriana Antunes¹ utilizou o horrível período das enchentes para transformar dor em palavra. Escreveu *A longa chuva: ensaio-poético-diário de sobrevivência à fúria das águas*, que é um livro-desabafo. Tenso, denso: o livro é “po-Ético”. Faz barulho. Ele reúne narrativas tecidas ao som dos pingos d’água — que viraram um barulho ensurdecedor do qual ninguém pôde fugir.

Ela já inicia seu livro encadeando as palavras precisa e suavemente, e dando uma clara ideia do que leremos adiante: não se trata de saberes gerados pelas catástrofes que nos atingem. Mas se engana quem imagina que se trata de um livro encharcado de lamúrias... Cada página vem recheada de indagações profundas, oferecendo possibilidades de destinos para que as angústias que nos impactaram bruscamente nestes tempos de chuva sejam escoadas. Entendemos que não há sombrinha que impeça que a chuva caia. Ficamos impotentes, frágeis, ensopados de tristeza e medo.

Em 70 e poucas páginas de uma catarse elaborada, a escritora — que também é psicanalista — aborda muitas questões, e não deixa de fora o feminismo, tema que lhe é tão caro. Citou as meninas, as mulheres que mais uma vez foram vítimas do aguaceiro humano. Citou os indefesos, os animais. Pensou no descaso, na negligência, no voto que elege quem deveria cuidar... Pensou na dor dela e na do outro. Pensou até nos lápis de cor que a chuva arrasou, porque a dimensão das perdas é singular e imensurável: “Para onde as águas levaram os corpos das pessoas amadas, os sofás, os porta-retratos, os cachorros, os gatos, as vacas, os baldes de roupas sujas, as xícaras de café presenteadas por alguém querido, os sonhos, os lápis de cor, os pés de sapatos, os livros?”.

Também não sei, Adriana... Sei apenas que tuas palavras me transportaram para uma ter-



ra seca o suficiente para que eu pudesse respirar (sem tantos sobressaltos), mas ainda úmida de todas as marcas de situações que nunca devem ser esquecidas. Afinal, as catástrofes têm que ser lembradas para que encontremos outros caminhos possíveis. As enchentes que surpreendem, a desigualdade que desabriga, o preconceito que soterra, as indiferenças que congelam, as dores que nos tiram o chão e o telhado, a natureza que é covardemente devastada: esses horrores precisam ser recordados exatamente porque não podem voltar a acontecer.

Esses lembretes sempre estão presentes nas narrativas perspicazes e profundas dessa sensível escritora. Tanto nas colunas que escreve semanalmente para o jornal *Pioneiro* quanto em seus contos, crônicas ou poesias, ela vai muito além do óbvio. Suas frases conversam e acolhem. Como esta: “Vou até a pia da cozinha,

¹ Adriana Antunes é caxiense, escritora, doutora em Letras e psicanalista. O primeiro lançamento do livro, que sai pela editora Libertinagem, será em outubro, na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). Em seguida, a obra será lançada em Caxias do Sul.

abro a torneira, a água calma que enche o copo gera culpa". Elas são profundamente simples e simplesmente profundas.

Parece que ela escreve sob uma árvore cujos frutos são metáforas, e eles caem de repente sobre o texto, sempre nos lugares certos... E isso só é possível porque, apesar do som aterrorizante das chuvas de maio, Adriana tem alma habitada, tem o que dizer e o que compartilhar. Sua alma é alimentada diariamente pelos insumos da arte, da cultura, dos prazeres, da psicanálise, das nuances da vida que as pessoas levam ao consultório dela. E é a soma disso que surge nos seus textos, é isso que lemos agradável e seguramente, como se tivéssemos a garantia de poder visitar sem medo todos os caminhos, sorvendo deles o encanto da paisagem que ela preparou para nós: "Separo os fios-palavras e faço nós. É um tecer real do real com cuidado para não perder os pontos, que, soltos, enlouqueceriam".



Sugestão de leitura: *A natureza da mordida*, de Carla Madeira

AMANDA BONO

Para quem já leu *Tudo é rio*, da mesma autora, *A natureza da mordida* vem com outra proposta: Carla Madeira abre mão da impulsividade dos personagens e traz à tona um cenário completamente diferente. O livro é composto pelos relatos das duas protagonistas: Biá, psicanalista aposentada, uma senhora inteligente, mas que enfrenta gradualmente a perda de memória; e Olívia, uma jovem jornalista muito interessada no que Biá tem a dizer. As duas se unem em meio a um sofrimento genuíno que causa muita angústia ao leitor, pois elas compartilham memórias soltas aparentemente sem nenhum sentido.

O livro é mesmo sobre emoções à flor da pele. Ele nos leva ao limite, nos provoca para ver o quanto aguentamos "não saber" e escancara a nossa necessidade de buscar desesperadamente por respostas, as quais muitas vezes não são o que gostaríamos que fossem. Vive-

mos buscando respostas para tudo o que acontece em nossas vidas: será que somos capazes de viver sem a compreensão do que nos afeta? Ou será que o outro tem o dever de nos dar todas as respostas?

O livro é inicialmente monótono e confuso, mas posteriormente nos damos conta de que, página por página, ele vai nos preparando para seu final. Desapressado, vai jogando informações e colocações, nos fazendo adentrar em assuntos que à primeira vista não têm conexão alguma. A autora trilha um caminho solitário, como se estivesse nos preparando para su-



Título: *A natureza da mordida*

Autora: Carla Madeira

Editora: Record